

## UMA VEZ NO SÓTÃO

**JOSEPHINNE**

SANDRA LYON

ICB — Medicina — 1º ano

Houve uma tarde, outra tarde, e várias tardes se sucederam até então. E há muito' êle se deixara levar por um desânimo mortal. Em pensamento ia se anulando aos poucos, devagar. Nêle, apenas o mêdo que o descobrissem ali, o sótão empoeirado.

Não havia nada pior que a vigília, o pavor. E se à noite uma aranha magra, saltitante passeasse sôbre seu corpo? De olhos fechados refugiava nas caixas, bugigangas empilhadas à sua volta. Êle sempre tivera pavor dêsses pequenos animais, as suas patas peludas, negras ou marrons. E só de pensar, êle se consumia todo, suava frio e levantava pegajoso. Agora: fechara os olhos com fôrça tentando recompor a vida lá fora.

A poeira vinha de todos os lados, fina, invisível. Cada manhã aumentava um pouco, chegando' de mansinho: já aprendera a distinguir poeira nova de poeira velha. Tinha vontade de empurrar com as mãos aquelas paredes, o espaço contendo a fragilidade do seu ser. Machucava-se todo de bater nas paredes numa tentativa vã de que elas se afastassem, que lhe cedessem lugar. Em momentos de lucidez e de um pouco de paz ficava a fitar o vazio através de uma janelinha, enchendo o sótão de uma luz vaga. Às vêzes, podia ver a rua

lá fora. Via todos, sem se fazer visto. A rua, os vizinhos, os jardins. Acompanhara naqueles dias o desabrochar das flôres: uma a uma, elas tinham se desnudado diante de seus olhos.



A descoberta do sótão mais dias menos dias iria acontecer. Ele esperava por êsse dia, indiferente, mergulhado apenas em pensamentos profundos. A vida ali confabulava com linguagem ventral, feria indiferente. Ele, embrião, no ventre sótão media ângulos diversos, hesitava em ganhar a luz. Às vezes espiava através da parede as coisas opacas, invisíveis. Sabia apenas que as suas noites rodopiavam, longas, sem fim. Ficava à espera do amanhecer que ia delineando o tempo, as horas, suave.

E, numa manhã, aconteceu o inevitável: vieram buscá-lo. Não conseguia entender como, nem porquê. Vieram buscá-lo, apenas. Ele se desesperou nessa manhã. Foi tomado de súbito pavor, um desamparo solto. Ninguém poderia tirá-lo dali, o seu mundo feito de largos silêncios, o seu mundo embrionário. Podia-se dizer que enlouquecera naquela manhã: bateu a cabeça contra a janela do sótão. Os vidros em cacos penetravam através da carne, rasgando-a. O sangue escorria, vermelho. Tentou chegar à luz por si, do outro lado: o ar puro, o mundo, a vida. E todos se ajuntaram ao seu redor querendo vê-lo. A curiosidade. Chorou rouco, histêricamente. Por longo tempo ainda resistiu à luta e, por fim, exausto deixou-se levar. Ele, os cacos, o sangue, tudo. Para trás ficava apenas o sótão vazio, o seu mundo, as suas flôres.